



Um amiguinho dos pobres

(Cliché de M. A.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Vêr na pagina immediata

Numero avulso 60 reis

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colonias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno)	3\$000
« » (6 mezes)	1\$200	« » (6 mezes)	1\$500
» » (3 mezes)	600	Numero avulso	60

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas

Bibliographia

O unico Rei—Assim se intitula um dos ultimos livros do illustre escriptor Almeida de Lacerda. Agradecemos a offerta de um exemplar.

O Poeta Santa Rita Durão—Revelações historicas da sua vida e do seu seculo por Arthur Viegas. Um volume em 8.º (LXXXV — 355 paginas).

A' venda em Braga, na administração dos «Echos do Minho».

Preço 800 reis.

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

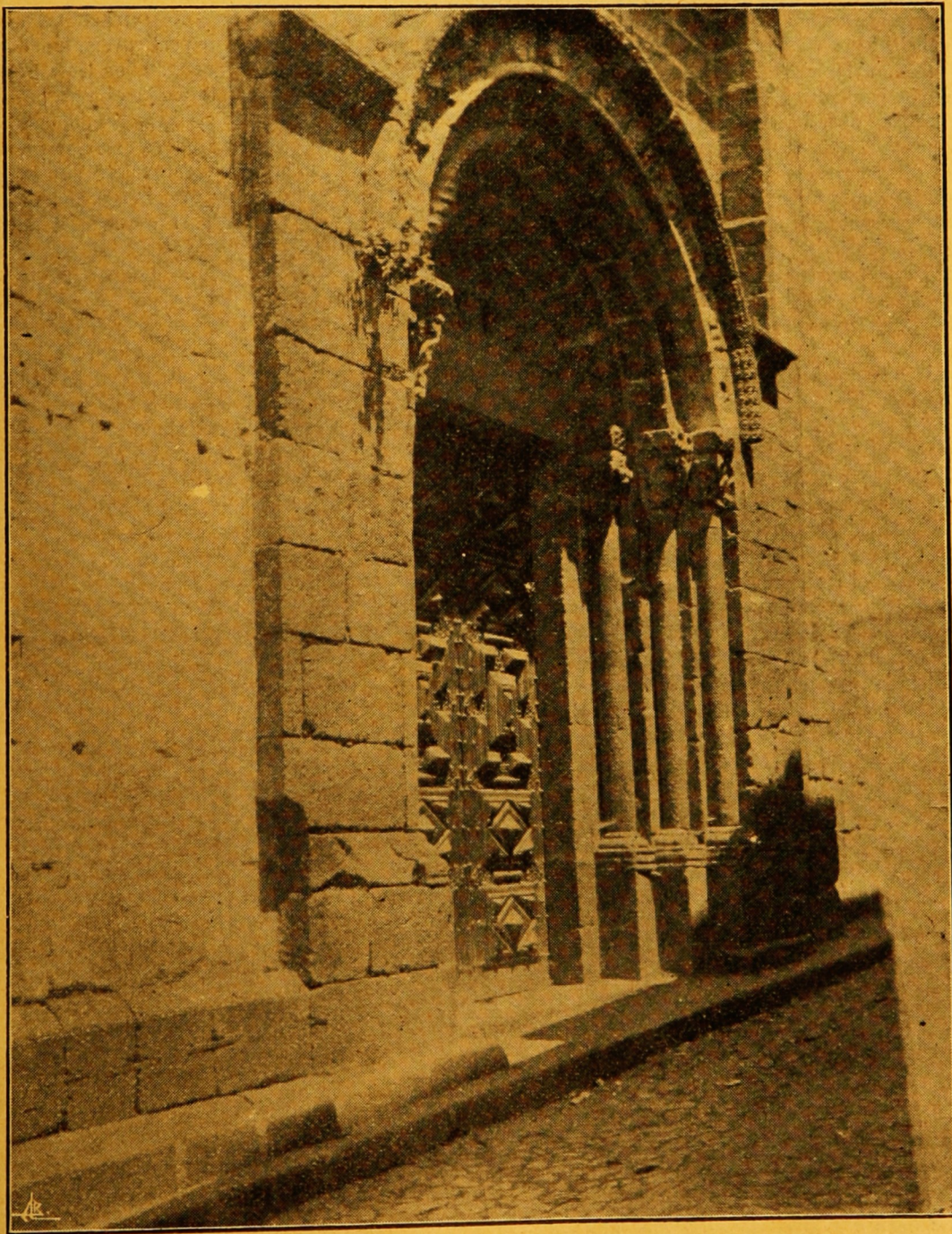
EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelzoto.

Braga, 4 de setembro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 114—Anno III



BRAGA—Porta lateral da Sé Primaz

(Cliché de Viriato da Silva)

Chronica da Semana



FIO DE SANGUE

PELA quarta vez o auctor d'estas chronicas regista no paiz movimentos sediciosos. D'esta, não sentiu elle a dentro da cidade a athmosphera de sobresalto e de anciedade que são o rastro de todas as insurreições fracassadas. O echo dos aconlecimentos accordou-o na placidez d'uma aldeia aonde as noticias do que pelo mundo vae, alegrias e dôres, desgraças e triumphos, apenas assomam tardias, passadas as horas inebriantes e os momentos de panico... De volta d'uma visita á velha e encantadora egreja romanica de Arnoso, que o alto senso artistico dos Pindellas mantém e conserva, n'um delicioso recanto do concelho de Famicão, um amigo me deteve o cavallo para contar vagamente, ainda, que n'uma das noites transactas haviam dynamitado a ponte da Trofa. Abrindo logo depois um jornal d'esse dia, que levava verifiquei a certeza da informação que me haviam dado, da renovação das tentativas revolucionarias no paiz, esta tão desoladora como as outras e já atravessada por um fio de sangue de suicidio tragico, que fica como um symbolo macabro e agoirento da hora triste em que a consciencia da nação já se crispa nas atrozes convulsões do desespero. Ah! eu comprehendo, embora o condemne como um crime perante Deus e um acto de covardia perante os homens, eu comprehendo o gesto mortal do infortunado prisioneiro da Republica; e chego de mim para mim a conceber todo o quadro negro de horror, de fêdio e suprema cólera que foi a antecâmara da morte para elle! Eu comprehendo... Sotto-Mayor foi um romantico. Sonhou; e o paiz cahira em profunda apathia, sem capacidade para um esforço. Muito alta voou a sua confiança e por isso cahiu em pleno abysmo... Quantos como elle, estão sonhando ainda! longe, muito longe da realidade da situação cujo simples estudo, quando não embranquece as fronteas, amadurece os moços do paiz, que são os grandes innocentes da crise que elle padece. E' este es-

des martyres i tudo que todo longo exame rias, que os levariam para fóra do mundo em que vivem, sem se atarem de mais á meditação do que veem, porque esta os afitaria para os grandes desesperos que são tambem o ponto final dos grandes cansaços moraes.

A maior parte dos meus compatriotas parece ter esquecido que Portugal entrou doente ha mais de oitenta annos e que está hoje na derradeira phase do mal que o corroeu lentamente até ao 5 d'outubro, precipitadamente desde então para cá. Por mais despropositada que pareça, esta affirmacão é capital para a analyse da crise que elle soffre, porque, desde que não attendamos ás causas totaes do descalabro, não poderemos confeccionar o remedio para elle.

Os portuguezes não gostam de tirar as ultimas conclusões que a logica lhes ensina.

Param sempre a meio do caminho desde que n'esta ou n'outra qualquer altura, uma illusão fagueira e desnordeadora lhe diz: alto. Fascinado pelo falso, falsissimo preconceito liberal que engendrou o constitucionalismo e acabou por formar monarchicos *praticos* que em theoria eram republicanos e foram assim os melhores obreiros da republica; apoz a proclamação d'esta, fiaram de um governo semi-conservador republicano, levado ao poder por um platónico amão do exercito, a garantia da ordem nacional, ignorantes de que dentro da republica as soluções conservadoras são sempre as mais desastradas porque, invariavelmente impraticaveis, dada a essencia *radical* do regimen republicano, ellas teem por desfecho a reacção em recrudescimento do jacobinismo mais faccioso, a resurreição da anarchia systematisada, como diz um illustre escriptor francez, e como agora estamos presenceando, apoz o 14 de maio. Illudidos, julgam que 80 ou 90 annos de doença, que se caracterizou pela aberração dos caractéres, podem curar-se de um dia para o outro, só porque toda a officialidade do exercito, elemento indispensavel n'uma insurreição, deu a sua palavra de honra sobre um auxilio effizaz das suas espadas, só porque pelo menos, a maioria d'essa classe *ainda* não adheriu completamente ao regimen.

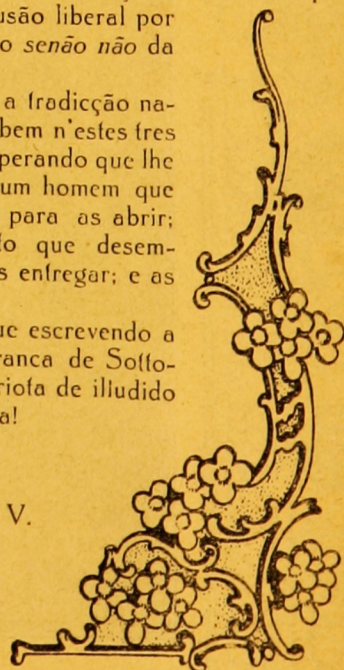
Eis a *grande illusão*. Ella tem alimentado a nossa vida vae para um seculo, deformando-nos o espirito, amollestando até os proprios musculos.

Lucler contra ella? Excelente. Mas cautella! O fio de sangue rolando na face de Sotto-Mayor, é um aviso tragico! Contra a illusão nada valem sedições. A republica é uma minoria que decidiu *viver* a todo o custo, e o paiz que ella domina, não se convenceu ainda de que é sempre possivel compôr aquillo cujos elementos se possuem, e de que pode não morrer, mais ainda, tem direito á vida. Sómente, a republica tem na mão todos os direitos do forte sem razão e o paiz tem apenas a razão sem ter a força, e esta só adquirirá quando, abandonar a illusão liberal por uma vez e em massa repelir o *senão não* da historia.

Que afinal, a luclta entre a tradicção nacional e a republica define-se bem n'estes tres quadros: Couceiro *debalde* esperando que lhe abrisse as portas de Chaves um homem que dois dias antes jurava morrer para as abrir; o povo admirando o exercito que desembarinhava as espadas para as entregar; e as eleições do 14 de maio!...

Cautella! O fio de sangue escrevendo a palavra desespero na face branca de Sotto-Mayor — alma ingénua e patriota de illudido — é um aviso tragico. Cautella!

F. V.



DA VIDA QUE PASSA

A litteratura desce...

∞∞
Ne remarquez-vous que si vous recorer à l'art,
en tant que malades, vous rendez l'art malade?

Nietzche.

QREIO que é de Augusto Comte esta phrase: «Sempre incapazes de construir, os litteratos realmente só puderam tomar parte na demolição, porque só ella lhes permite usurpar passageiramente um ascendente espirital.»

Não ficam descabidos n'estas paginas christãs da *Illustração* uns commentarios á profunda synthese de Comte, umas ligeiras notas á margem da nossa vida litteraria que serão tambem o depoimento d'um obscuro trabalhador, nada amigo de reclamos, que de perto tem observado o cortejo caricato dos *genios* do seu tempo...

Ainda ha dias li um capitulo de Georges Deherme (1), positivista convertido á fé catholica, em que elle analysava e muito bem sob o ponto de vista moral e psychologico, a vida litteraria da França terminando por esta phrase impressiva: «os povos teem os parasitas que merecem.»

Com effeito, a vida social moderna é todo um libello formidavel contra a desorganisação individualista, e erradamente se procede atacando as victimas d'ella em vez de destruir no proprio fojo o monstro da anarchia, que as fez. Foi ella que causou, o tremendo desastre que é a desordem, a deslocação das classes médias, a formação d'esses pequenos e tão deletérios focos d'envenenamento chamados: o baixo commercio, a pequena industria, o *sinecurismo* irresponsavel, a politicagem incompetente, a falsa e *pequena* sciencia, as bellas-artes mercantilizadas—o parasitismo social, emfim, que se concretisou n'uma só figura, ao

(1) *Les classes moyennes, L'Étude sur le parasitisme social.* Paris, Perrin, 1912.

mesmo tempo ridicula e damninha: o parvo emancipado, o irresponsavel-dirigente!

Ha tempos, eu disse aqui o que era a mocidade litteraria — *moços doentes* — a sua dissolvencia de costumes, a sua negligencia pela moral e pelo dever, a sua preocupação de *épater*, de fazer parar deante d'ella o transeunte para lhe ouvir incomprehensíveis tiradas, e arrancar-lhe por fim do espanto e da ignorancia estas palavras solemnes: — é um rapaz de valor! Hoje, quero dar mais um aspecto d'esta deliquescencia intellectual e moral da camada litteraria, incumbida da tarefa de cobrir de ouropéis o animal proteiforme da anarchia...

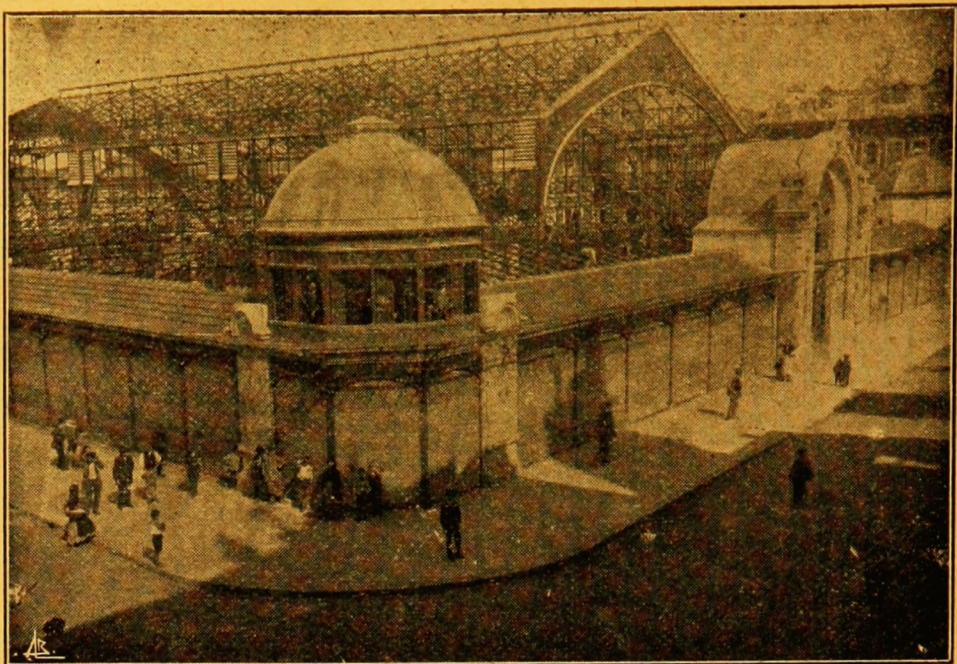
O homem sem fé não admite lei. Obedece apenas a necessidades physiologicas. Como a besta, só a murro se submete. Escravo d'aquillo que tão bellamente os livros de educação religiosa chamam as *más paixões que nascem do coração*, centro de toda a vida animal, impellido apenas por ellas, livre do freio moral, elle ergue-se *liberto* e *emancipado* olhando apenas para si, porque desde que despreza a religião que lhe ensina *deveres*, cahe em plena revolta em nome de seus *sagrados direitos*. «Foram os *direitos do homem* e a metaphysica revolucionaria que crearam o monstro a-social», escreveu Deherme.

Seja esse homem um litterato. Para elle só existe a phrase rimada ou dialogada. O resto é nada ou quasi nada deante da phrase que nada é. Entre a sua confraria litteraria, esse homem é adjectivado de «divino», «genial» e até de «supra-divino». E o mal não é de hoje. O mal vem de todo o romanlismo-naturalista; (não ha, ao contrario do que muitos creem, contradicção n'estas palavras). Gustavo Flaubert sacrificava o bom senso e a clareza á sonoridade de uma phrase: «Tanto peor para a ideia, exclamava elle, o rythmo acima de tudo!» Para elle, como para Theophilo Gautier e tantos outros, a moral e a significação da arte estavam «na propria belleza». Agarrados a esta affirmacão imbecil, ignoravam que o bello é pura-

mente subjectivo e só diz respeito ao homem; que não ha arte sem moral porque a arte é a ordem nos sentimentos e nas emoções e só a moral a pôde estabelecer; que a arte é essencialmente religiosa. «A poesia, disse-o o proprio Guyau, é o olhar lançado ao fundo brumoso, movediço e instavel das coisas» e o fim da arte, «produzir uma emoção esthetica de character social». Ora, resumindo-se a arte n'estas duas palavras: *manifestar concentrando* (manifestar o mais alto e manifestar a todos, dizia Taine), só um grande e sublime entusiasmo religioso poderá fazer com que ella seja elevada sem cahir no esotérico, e popular sem ser baixa, porque só a religião (que, sendo humana, sem arte, é apenas uma superstição e um fanatismo) dá o mais alto ideal da Communhão social e portanto ergue a arte aos cimcos mais altos, — e tambem porque não podendo existir arte sem moral, e moral sem religião a arte hade ser, como disse, essencialmente religiosa.

Mas os parasitas-litteratos ignoram-o e continuam bradando petulantes: queremos *a arte pela arte!*

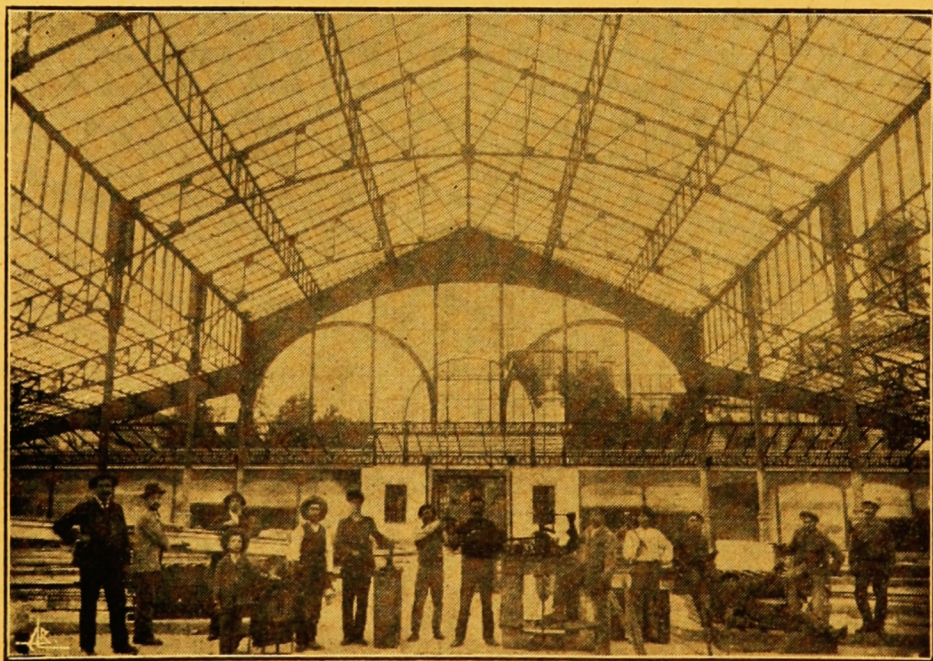
«Tres palavras vazias de sentido! dizia desdenhosamente Dumas. Ou melhor, vazias não, cheias de sentido, mas de um mau sentido, de um sentido equivoco e perigoso... Que é a arte fóra do homem? A que corresponde? Qual a materia d'ella? A arte não tem realidade nem existencia senão para o homem e pelo homem». E Proudhon concluia bem: «a arte nada é fóra da moral», porque toda a litteratura que



BRAGA MODERNA—O novo mercado

não vise a perfectibilidade moral e portanto a perfeição religiosa, é ou enfezada ou baixa.

Dominados apenas pelo instincto e por um egocentrismo tolo, ei-los, aos litteratos em revolta, em plena obra demolidora, invadindo o *muro da vida privada*, pretendendo ensinar moral do tablado da immoralidade, contribuindo assim para a anarchia geral, revolvendo todas as ignominias, buscando o inédito na preversidade e na anomalia, alimentando os seus organismos nos detalhes dos lares, na orgia, na prisão, na galé e no prostibulo! Sahe um menino do collegio e do lyceu, com o desejo de ser *um bohemio* e com a imaginação exaltada, e logo se enthronisa *artista*. Para subir e attrahir attentões faz *chantage* do vicio dentro em pouco um côro de illetrados rodeia-o de louvores. Se pretende ser humorista como agora se diz, chacoiteia do pudor; se romancista, submerge na podridão, arranjando um monoculo á Eça, estragando a lingua, sem ideias, ancioso da famosa originalidade, o vello de ouro dos novos argonautas grotescos. A originalidade! «A revolta individual, escreve Carlos Maurras, no *Avenir de l'Intelligence*, uma vez reconhecida sob o nome de originalidade por principio de arte, determinou uma profunda anarchia». A originalidade e todo o mal moral e intellectual que ella revela, veio-nos do romantismo que exaltou o impudor e o theatralisou até ao tragico, originando suicidios e crimes passionaes. O mal que não fez por exemplo, o sombrio Wer-



BRAGA MODERNA—Interior do novo mercado

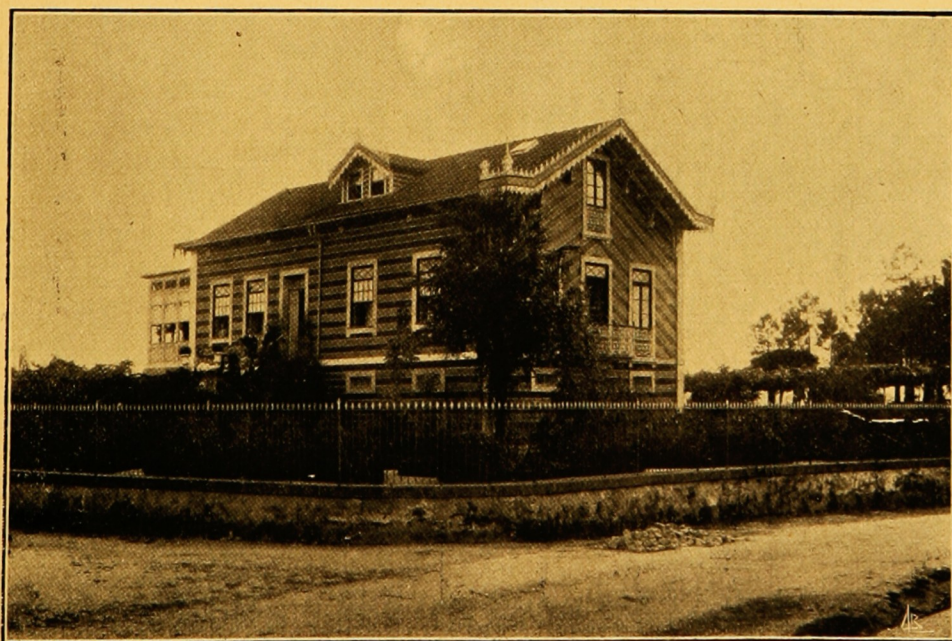
Um casamento illustre



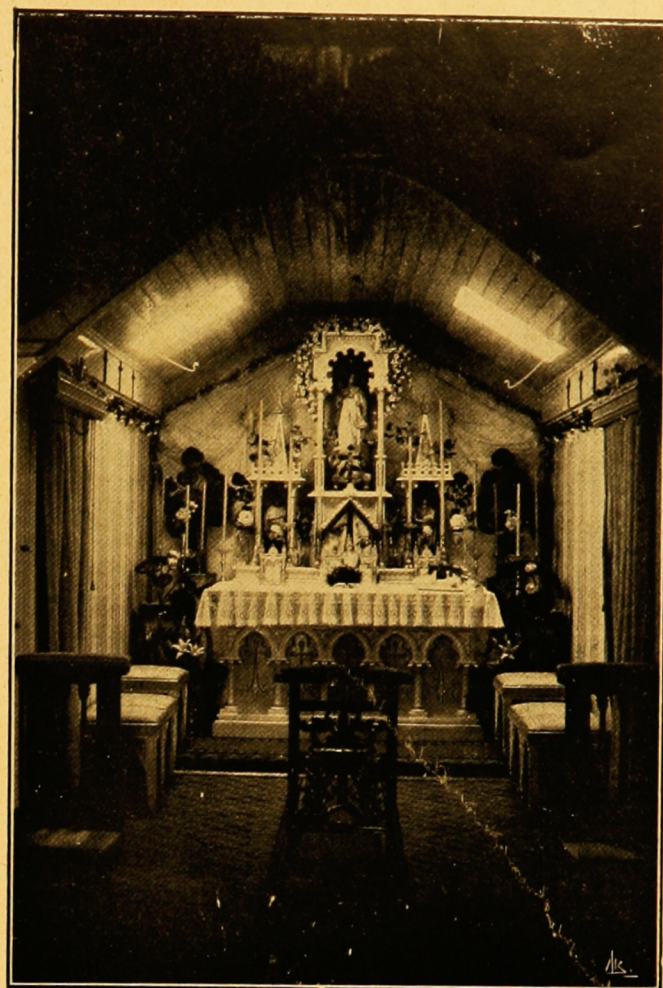
Os noivos

Na visinha freguezia de Soutello em que os paes da noiva teem o seu solar realisou-se ha pouco o casamento da ex.^{ma} Snr.^a D. Guilhermina Alves de Faria com o snr. dr. João Maria da Cunha Barbosa.

Ao enlace auspiciosissimo assistiram Sua Excellencia Reverendissima o Senhor Arcebispo Primaz e numerosos convidados da mais fina sociedade bracarense.



Residencia do snr. Manuel Alves de Faria



Capella particular da casa do snr. Manuel Faria, pae da noiva

ther! O mal nasceu do romantismo «quando a sensibilidade usurpou uma funcção a que era e é extranha, e, não contente com sentir e fornecer á alma os calores da vida que lhe são necessarios, quiz inspirar-lhe a sua direcção». Pensemos agora, em que os espiritos que se deixaram subjugar pela sensibilidade, acreditando que em cada sensibilidade particular existe um principio de ordem e unidade, tornam-se juizes dos seus proprios destinos e tomam-se a si mesmos por modelos philosophicos. Pensemos em que sobre elles se exerce com enorme pressão a influencia anarchisadora do romantismo impudico. E não nos assombraremos de que Victor Hugo se vangloriasse de ter «rehabilitado o forçado e a prostituta» nem das obras demolidoras das nossa modernas notabilidades litterarias, falsamente chamadas *obras de analyse de costumes*. (1) Que obra constructiva nos deixou o Eça e Fia-

(1) «Eu não dissimularei, dizia a snr.^a de Stael, que os romances mesmo os mais puros, fazem mal; ensinaram nos demasiadamente o que ha de mais secreto nos sentimentos.»



Convidados e noivos depois da cerimonia nupcial

lho? Qual a arte moralisadora do *Junqueiro Da Velhice* e da *Morte de D. João* e das *Farpas*?

E não são elles os *mestres* de hoje, mal copiados, mal seguidos por uma camada juvenil que julga a litteratura a arte de atar palavras e periodos, explorando o bizarro-ôco para vender melhor e a descripção lubrica do escandalo campando de critica?...



A corrupção da litteratura, pelo mercantismo e pelo snobismo, é a prova de facto da sua nullidade. A arte é hoje um parasitismo. Basta vêr a chusma que sôffrega se apinha nas exposições, nos concursos e em certas empresas creadas para sustentar confrarias, em nome do resurgimento da raça, á custa do *burguez estúpido* que não percebe nada dos livros postos no mercado — verdadeira escola da futilidade, da independencia absurda e do cynismo que se entretem a descrever a variada lucta dos sexos ou coisas que só ella sabe o que são.

Do impudor romantico viemos para o impudor realista e naturalista. Hoje estamos em marê de requintes, buscando *espiritualisar-se* (sic...) o impudor e a sensualidade, sob o pretexto de não sei que symbolismos mysteriosos e incomprehensíveis. E' sempre a desordem na arte... que, positivamente, não é nem deve sêr cultivada por todos os que lêem e escrevem sem erros, nem mercado em que certos *detraquês* arranjam vida. E' o parasitismo na arte; e eu recordo aqui uma justa e pro-



Gruta no jardim do palacete da noiva, O snr. Manuel Alves Faria

unda afirmação de Veillot ;
 «O punhal mais agudo, o ve-
 neno mais activo e mais dura-
 doiro, é a penna em mãos sujas,
 Com ella muda-se a opinião de
 um povo, que fica pôdre., e es-
 traga-se todo um século».

F. D'ALMEIRIM.



Lenda de Las Batuécas



A velha Castella sente-se um povo rico de heraldica, de convicções e tradições seculares, de lendas e contos de tempos idos, uma raça aristocrata (como nenhuma outra) na pureza do sangue azul d'estirpe, na Fé dos seus avoengos heroes e santos, thesouros do passado conservados invulneraveis ao môfo e á *polilla* das bibliothecas nos seus pergaminhos sem conta, até á pedraria archaica dos seus monumentos de Fé e d'Arte, em cathedraes magestosas, paços e castellos de torres ameiadas e pontes levadiças, solares



A «corbeille» da noiva

(Clichés da Phot. Belleza)

medievaes, alhambras e alcaçares sumptuosos.

Ha villas e aldeias que conservam o cunho caracteristico da época em que floresceram, vendo impassiveis o decorrer das civilizações e do progresso, inalteraveis ás evoluções dos tempos, e ás revoluções mesmas, estalicas n'essa pagina da Historia que as timbrou atravez dos diversos dominios godos, wisigodos, arabes e christãos.

As viagens d'estudo e d'observação em



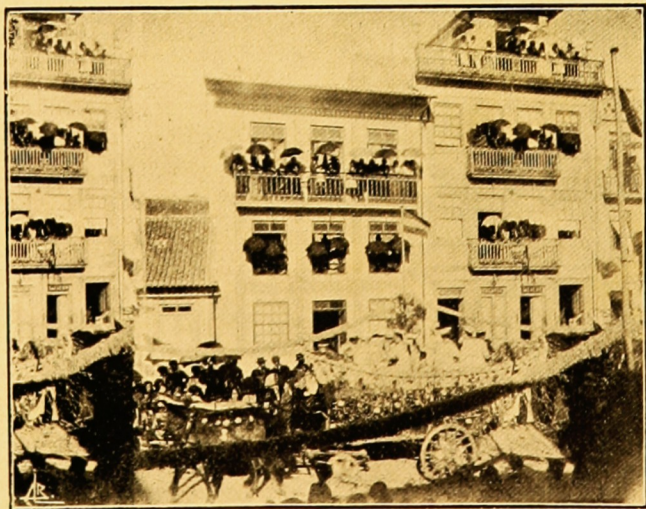
LAMEGO — Grupo de sacerdotes que celebraram recentemente o aniversario da sua ordenação



Hespanha transportam-nos uns seculos mais atraz, julgamos viver por momentos d'esse passado, em pleno seculo XX.

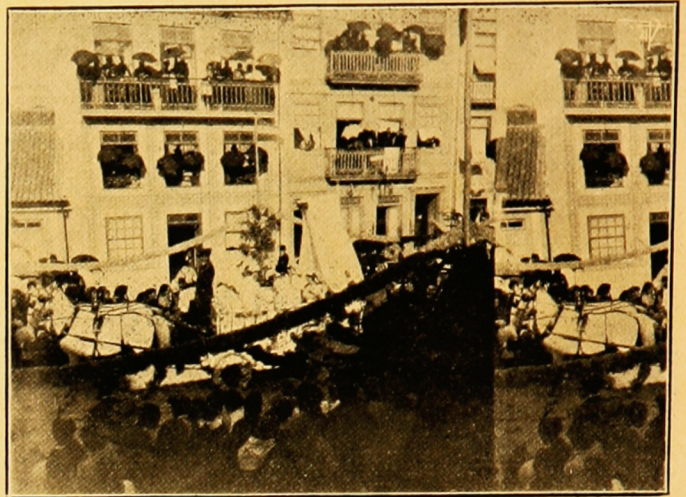
Deixando Ciudad Rodrigo atravessa-se uma enorme planicie, ao fundo uma encantadora paisagem circundada pelas montanhas da Sierra de Francia, cantos arborizados n'um reflexo de luz roseada, outros accidentados, despinhados, surgindo aqui e alli sombras frondosas por entre as rochas abruptas e os abraços dos rochedos n'essas gargantas tão apertadas da montanha que difficilmente lá penetram os raios solares, alli nascem na exuberancia e promiscuidade d'uma matta virgem, arvores e arbustos, plantas de toda a especie que são abrigos da caça e os antros de fêras florestaes, como os javalis, perseguidos por os caçadores mais arrojados, n'uma extensão de legua, com muro de 3 metros, ainda hoje conservado, jazem ruinas d'um convento de Carmelitas descalços então muito celebre pelas virtudes dos seus monges e os rigores das penitencias lá praticadas. Pertence hoje ao duque d'Alba, bem como um Castello medieval, em completa ruina, que ninguém guarda, tão inhabitavel e inhospito é este canto chamado Las Batuécas n'um encantamento de paisagem que emmoldura n'um quadro pittoresco e original estes escombros.

No interior extensos jardins, um sem numero de fructeiras resistem ainda aos annos n'um pomar esquecido, onde serpenteia o riacho de Las Batuécas que deu o nome ao valle e á Virgem solitaria da ermida que chora o seu abandono como a Virgem de la Piedad que truncada e fóra do seu pedestal jaz n'aquelle Campo santo, onde em noites claras vagueiam como sylphos os espiritos monasticos que em



Carros ornamentados

Póvoa de Varzim-- As festas d'Assumpção



Nas ruas da Póvoa

tempo foram os Carmelitas descalços de Las Batuécas.

Um enorme portão abre para a cêrca, onde um Crucificado de madeira carcomida, pelo tempo, preside mudo e doloroso áquelle abandono, *sic transit* de tudo o que é humano, dizendo ao mortal que se lembra d'alli poisar: «Benedictus qui venit in nomine Domine.»

Qual n'outro cemiterio, n'uma avenida de cyprestes gigantescos conduz á portaria do convento, n'um nicho S. José impassivel serve de porteiro das ruinas.

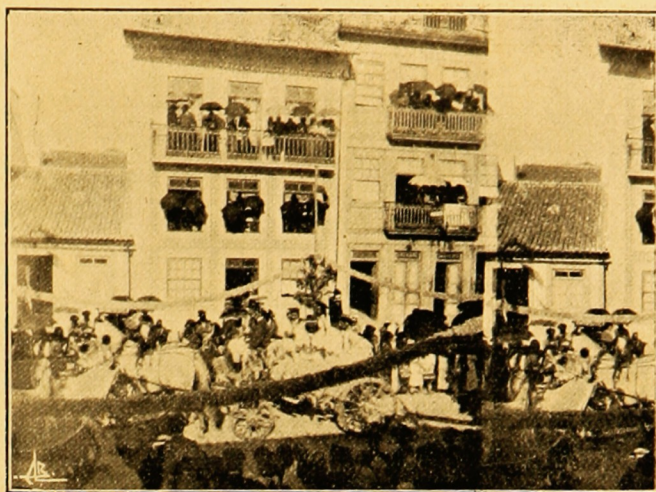
Uma enorme ala de cedros entreervas e espinhos, silvas e rouças que inundam hoje essa avenida conduz-nos á ermitagem onde quinze cellas receberam os frades em retiro e os eremitas temporarios.

N'uma d'ellas o soalho é mais gasto, na parede coberta de musgo notam-se aqui e alli, em frescos, perfis de virgens, de santas, sempre o mesmo; habitava-a a miudo o frade mais nobre e com maior reputação de santidade, pintor e esculptor afamado, o mesmo que esculpiu a Magdalena da Gruta que alli chora ainda, e de cujas faces as lagrimas sempre correm, de seculo em seculo, n'essa inconsolavel dôr amorosa e arrependida.

Quem observar a imagem carcomida e esverdeada pela humidade e os estragos do tempo adivinha os mesmos traços dos esboços da cella da ermitagem, da Virgem da capella, de varios frescos apagados quasi, aqui e alli, os mesmos da Piedad, essa mesma inspiração que viveu fiel e immorredora na alma de Frei Rodrigo de Santa Maria, esse frade môço e gentil

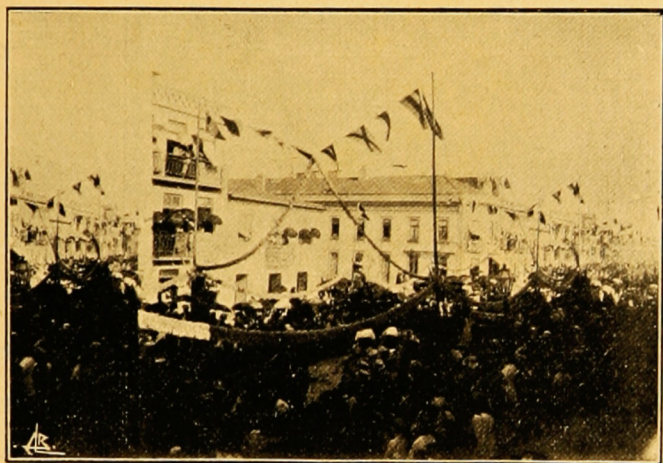
que a lenda nos mostra cavalleiro de Malta, militar brilhando, seguindo Dom João d'Austria a Lepanto e voltando glorioso, deixa as grandezas e os prazeres do mundo pelo burel e um misero catre, pela penitencia e austeridade d'um asceta n'esse convento de Carmelitas descalços.

Diz-nos essa lenda que ao regressar coberto de louros, procura a sua noiva que em sonhos o seguira e n'um momento em que se julgou a batalha perdida e a noticia da sua morte transpoz os muros do seu Castello, ella n'um desespero e n'uma dôr infinita abandona o mundo e tôma o habito n'um Carmelo tambem.



POVOA DE VARZIM—A batalha de flôres

E' grande a reputação da sua santidade, passa a vida em penitencias austeras, tudo immola a esse Christo do Calvario, tudo, menos essa loira madeixa, essa nunca, e quando um dia do pobre catre o levam gelado e inertê á terra fria, entre o burel que lhe servira de mortalha, em vida brilha como outr'ora a medalha dourada que guarda para sempre, no segredo do tumulo esses fios de ouro d'uma madeixa da amada virgem de Frei Rodrigo de Santa



Vista parcial do cortejo

Foi em vão que Rodrigo tentou revê-la, de tanto amôr guarda apenas uma loira madeixa que como um talisman o levou e trouxe de Lepanto, abandona tudo, menos isso, conserva-a n'uma medalha de ouro cinzelado junto ao peito que o burel cobrira para sempre.

Na sua vida d'asceta a arte de Giotto illumina-o, pode pintar, esculpir, confiar ao marmore, á madeixa, á têla essa imagem que viva secreta na sua alma, immortalizar os traços da sua virgem amada.



Barcos embandeirados

Maria, a virgem carmelita «muito pallida e loira, muito loira e fria.»

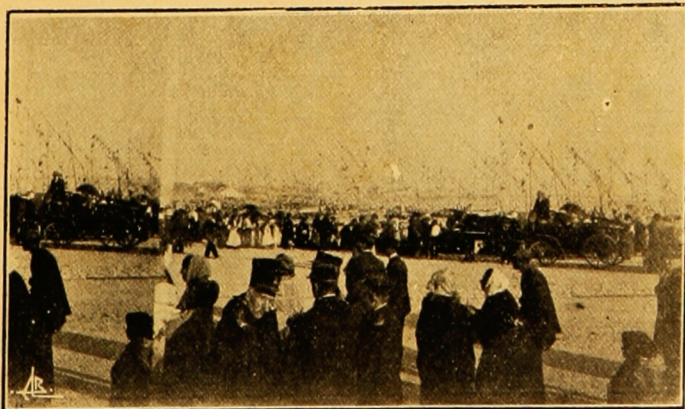
Tuy, 20-8-915.

ALMAFALLA.



O matrimonio é o unico asylo pacifico, em que o amor n'este mundo fenebroso pôde achar uma patria, depois da sua expulsão do paraizo.

Quantas vezes o amor, apesar de tudo aquillo que o costuma prender á terra, tem pedido as azas á religião, vendo que o tempo ou a dôr lhe ha feito murchar as suas?

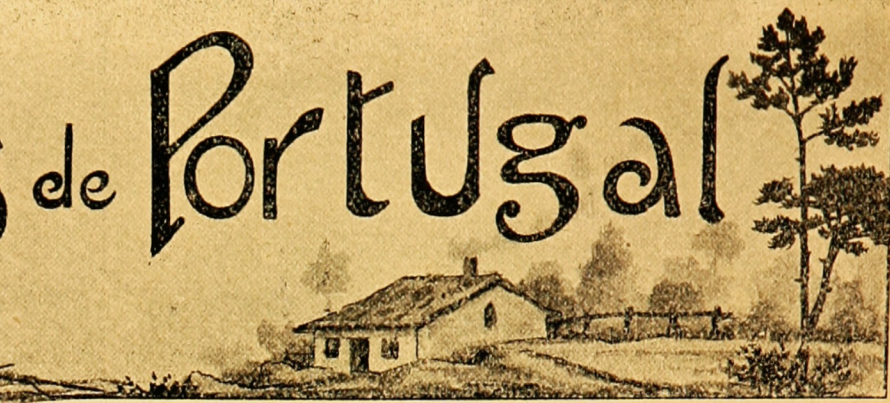


Na praia

(Clichés stereographicos de J. Carlos d'Almeida)



Bellezas de Portugal

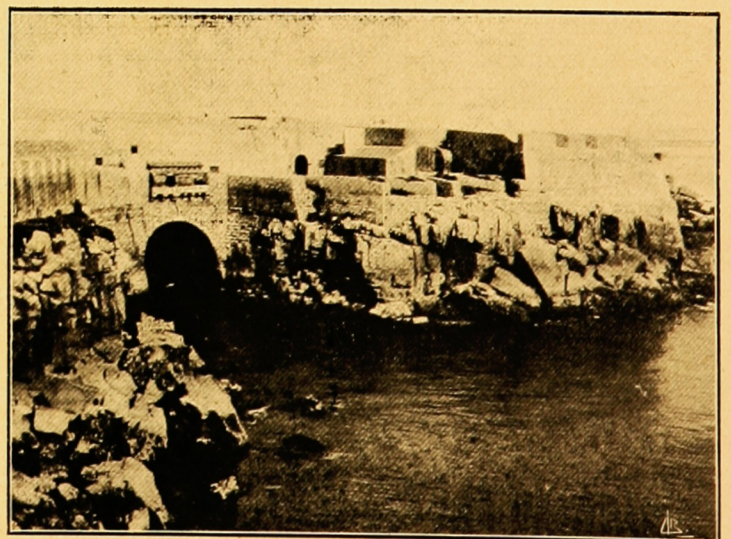


Villa do Conde—As azenhas do Ave

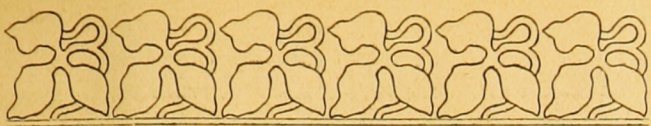
Ai quanta vida arrojada
aos alcantis de Peniche,
como creança amada
que atira longe o seu dice!

Tristes morros da Papoa,
Estellas e Farilhões,
Que de maguas não resoa
Cada um dos vossos cachões!

P. J. J. D'ABREU CAMPO SANTO.

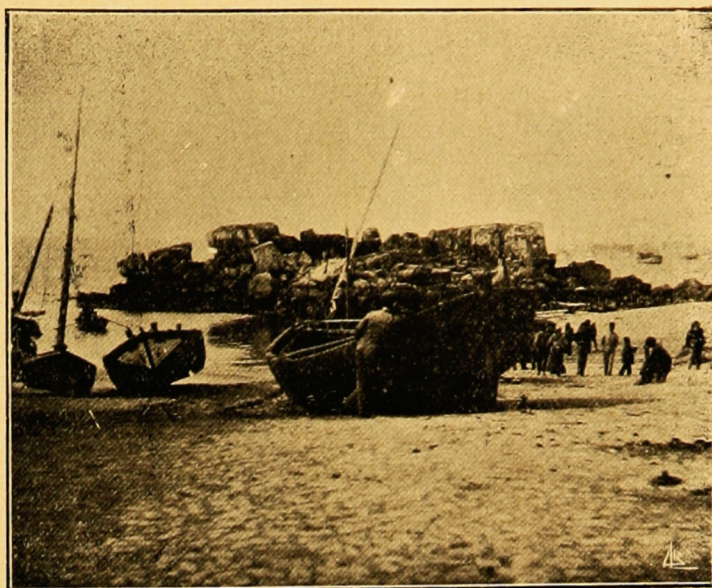


Peniche—Fortaleza edificada sobre os rochedos do alto da Vella

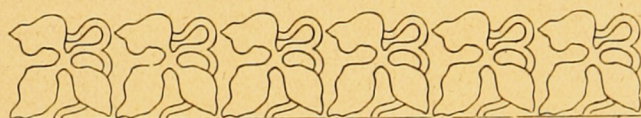
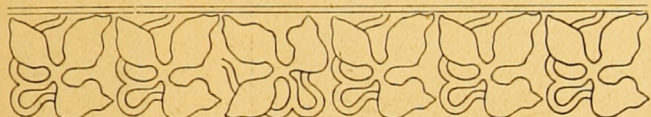


Peniche—Portinho de revez.

Deste porto saem a maior parte dos barcos que se entregam ao mesler da pesca. O Instituto de Soccorros a Naufragos beneficiou o recentemente com oplimos paredões de cimento armado, afim de tornar facil o seu accesso em pleno temporal do sul.



PENICHE—Portinho de revez



Peniche—A doca.

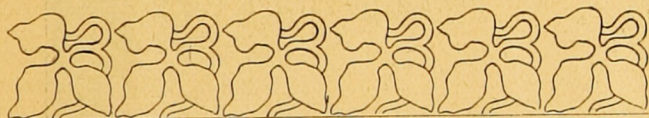


A Doca

Construida por mandado de D. Pedro V na visita que fez á linda villa, «a flôr do Atlantico.», Vê-se ao fundo a ponte que da povoação é caminho para a praia, e corre junto de um panno das vetustas e robustas muralhas de D. João III.

Todos os «clichés» são do sr. J. Ramos Marques Verissimo, intelligente conterraneo.

J. Ribeiro Coelho.

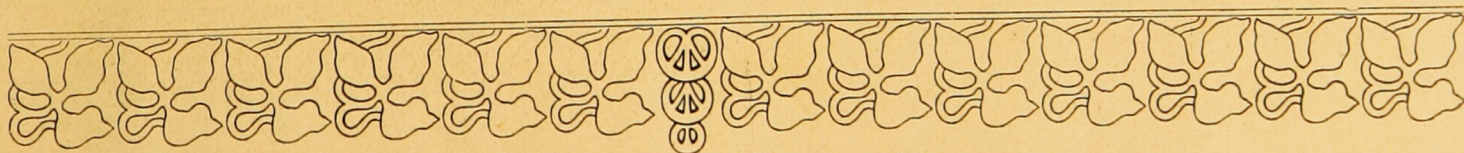


Peniche

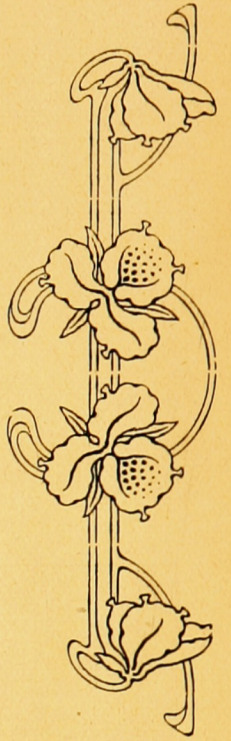
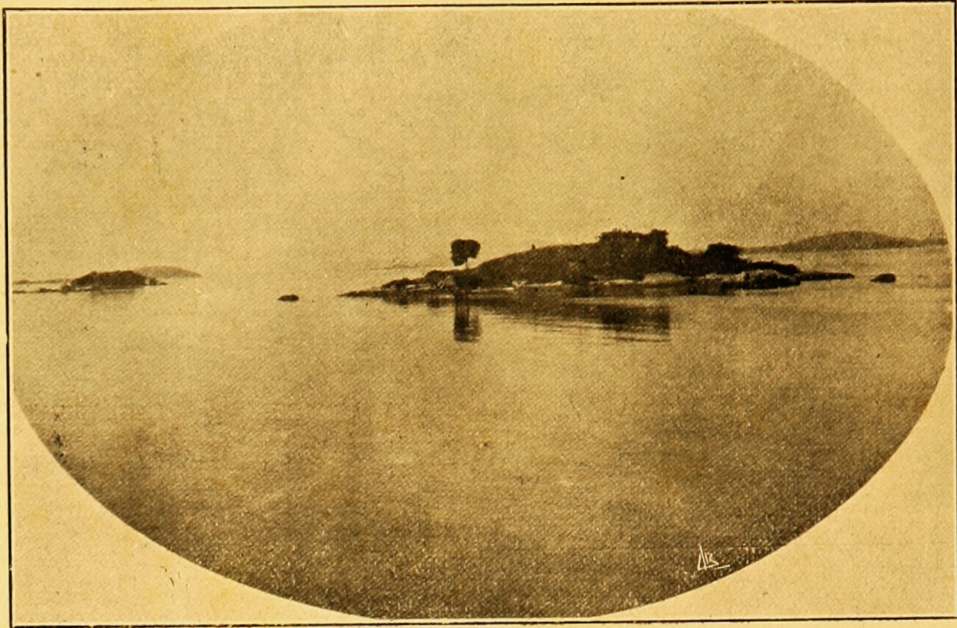
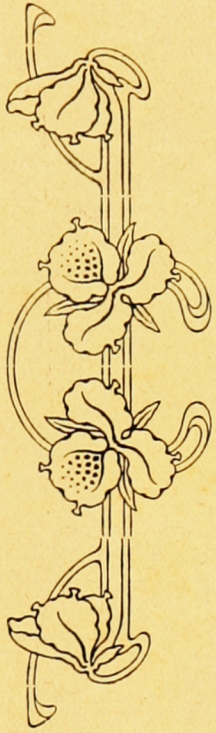
A praça cujo nome perpetua um dos seus mais illustres filhos, o inventor do ensino litterario dos surdos-mudos, é modesta como a villa. Hoje mostra grande animação, pejada de romeiros que se dirigem á Capella de N. Senhora dos Remedios, a festeja-la.



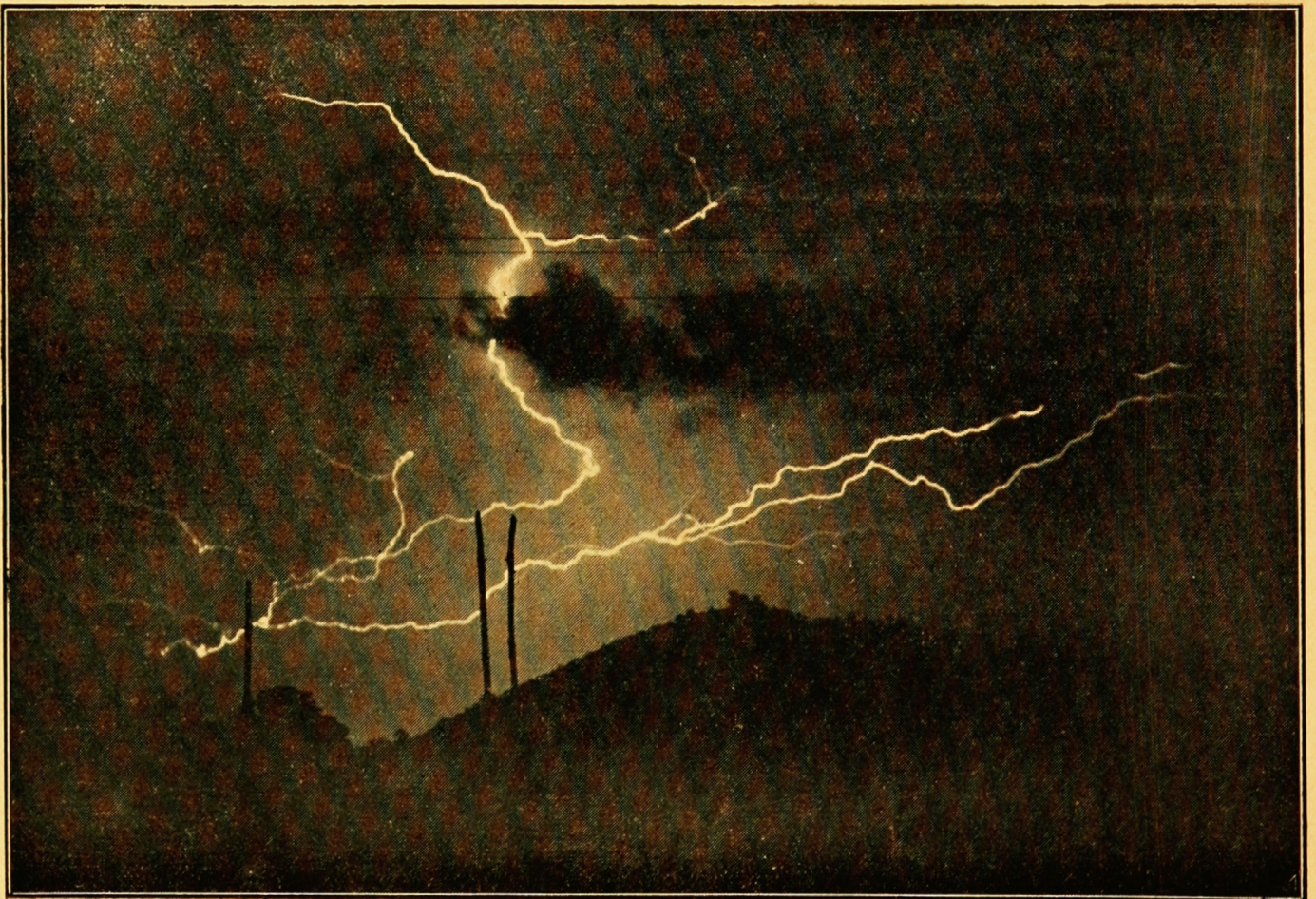
Largo Jacob Rodrigues Pereira em dia de cirio



A "Ilustração Catholica,, no Brazil

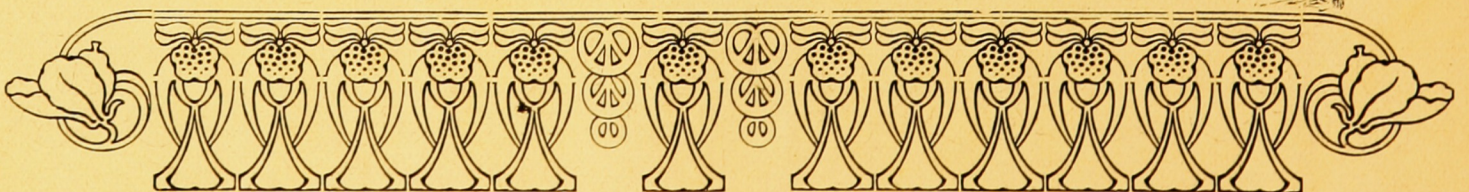


RIO DE JANEIRO—Ilhotas da Bahia Guanabara



NOVA FRIBURGO—Um relampago

Cliché do sr. Augusto Souca-oux



Jesus ao peccador

Despreza minha filha, o vão cuidado,
Phantasma com que o Mundo te seduz.
Vem humilde prostrar-te junto á Cruz
Onde por teu amor estou pregado.

De espinhos agudissimos coroado.
O sangue de meu Corpo sae a flux,
A sêde ardente angustias me produz
E de todos estou abandonado.

Teus peccados causaram meus tormentos,
E Eu tudo supporto sem lamentos
E os braços tenho abertos ao perdão.

Não temas, sou teu Pae, teu Salvador,
Vem depressa com fé, cheia d'amor,
Refugiar-te aqui... no Coração.

Maria é nossa Mãe

Estava a doce Mãe, Virgem Maria,
Esmagada atrozmente pela Dôr
Ao vêr o caro Filho, o Redemptor,
Pregado n'uma cruz em agonia,

Tudo está conturbado n'esse dia,
Treme a terra em seus eixos de pavor,
E o homem só no auge do furor
Blasphemia profere e zombaria!

Então Jesus diz: reine a Caridade;
Mulher, sê Mãe da pobre humanidade,
Que hoje em mim só ha a compaixão.

E Maria logo, olhando pelo espaço,
Todos os homens viu e n'um abraço,
Os estreitou de encontro ao Coração!

Cabril, 15 de Maio de 1913.

P.e MANUEL ANTONIO BAPTISTA.

O FANATISMO DO CHÁ



Foi da Asia que elle nos veio, como todos os fanatismos, diz Gabriel Mourey, e bastou-lhe alguns annos para fazer a conquista do «mundo occidental».

Os seus fieis são já tão numerosos como os grãos de areia do mar e como as estrellas do céu. Todos os dias se criam capellas em honra do novo deus. Dentro de pouco tempo não haverá a mais pequena aldeia da Europa que não possua o seu *tea room*.

Foi só na dynastia dos Tang, pelos meados do seculo VIII, que o chá começou a desempenhar o seu papel philosophico e civilizador. Louwouh é o nome do seu primeiro apóstolo. Nasceria n'uma época em que o budhismo, o taoismo, e o confucionismo procuravam uma synthese commum. Como verdadeiro poeta que era, formulou o rito do chá segundo as leis de harmonia e de ordem que reinavam atravez de todas as coisas existentes. A sua obra *Chalking*, pode ser considerada como os Vedas do chá. Com effeito, n'essa obra nada se omitta do que diga respeito á deliciosa bebida a que os lyricos chinezes tão elegantemente chamam «a espuma do jade liquido».

Segundo Louwouh, por exemplo, á melhor qualidade de chá reconhece-se no que as folhas devem ter: «prégas como as botas de couro dos cavalleiros tartaros, rugas como a papada d'um boi possante, desenrolar-se como a neblina que sobe d'um barranco, brilhar como um lago bafejado pelo zephyro, ser humidas e suaves como a terra fina que a chuva limpou, refrescando.»

Em seguida ennumera e descreve os trinta e quatro utensilios que constituem o equipamento do «théista», desde o fogareiro de tres pés até ao gabinete de bambú que os encerra. A questão da côr das chavenas tambem desempenha um papel importante. Para Louwouh, que fazia uso do «bolo de chá» a porcellana azul é a materia ideal; mais tarde, os «fanaticos do chá» do tempo dos Song preferiam as chavenas d'um azul carregado e castanho escuro; estes tomavam o chá em pó. Finalmente os Ming, que bebiam a infusão de chá, preferiam principalmente a porcellana branca e muito fina.

* * *

O que mais nos interessa, no ponto de vista pratico, é o methodo para fazer o chá recommendado por Louwouh. A escolha da agua é tão importante como a maneira de a fazer ferver. Na opinião do «apostolo do chá» a agua da montanha é a melhor, depois vem a agua do rio, e em ultimo logar a agua nascente

ordinaria. Ha tres estados de ebulição: o primeiro, quando as pequenas bolhas, semelhantes a olhos de peixe fluctuam á superficie; o segundo quando as bolhas são como perolas de crystal que rolam para a fonte; o terceiro, quando as vagas saltam na chaleira, Torra-se o «bolo de chá» ao lume até que se torne tenro como o braço d'uma creancinha, depois pulveriza-se entre duas folhas de papel. Deita-se-lhe sal na primeira fervura, e chá na segunda; na terceira, derrama-se uma colherada cheia de agua fria para humedecer o chá e «restituir á agua a sua juventude».

Então enchem-se as chavenas e bebe-se, «O nectar!» As folhinhas com nervuras ficam suspensas como nuvens em fórma de conchas n'um céu sereno, ou fluctuam como nenuphars brancos n'um tanque de esmeralda. E' d'essa bebida que fallava Ho-toung, poeta tang, quando dizia: «A primeira chavena humedece-me os labios e a garganta, a segunda quebra a minha solidão, a terceira penetra-me nas entranhas e agita n'ellas milhares de ideographias extranhas, a quarta produz-me uma leve transpiração, e toda a parte má da vida sae atravez dos meus póros: á quinta chavena estou purificado; a sexta transporta-me ao reino dos Immortaes. A septima, ah! a septima... Mas não posso beber mais! Sinto apenas o sopro do vento frio entumecer-me as mangas. Onde está o Paraizo? Deixae-me subir n'esta brisa, e que ella me leve para lá!»

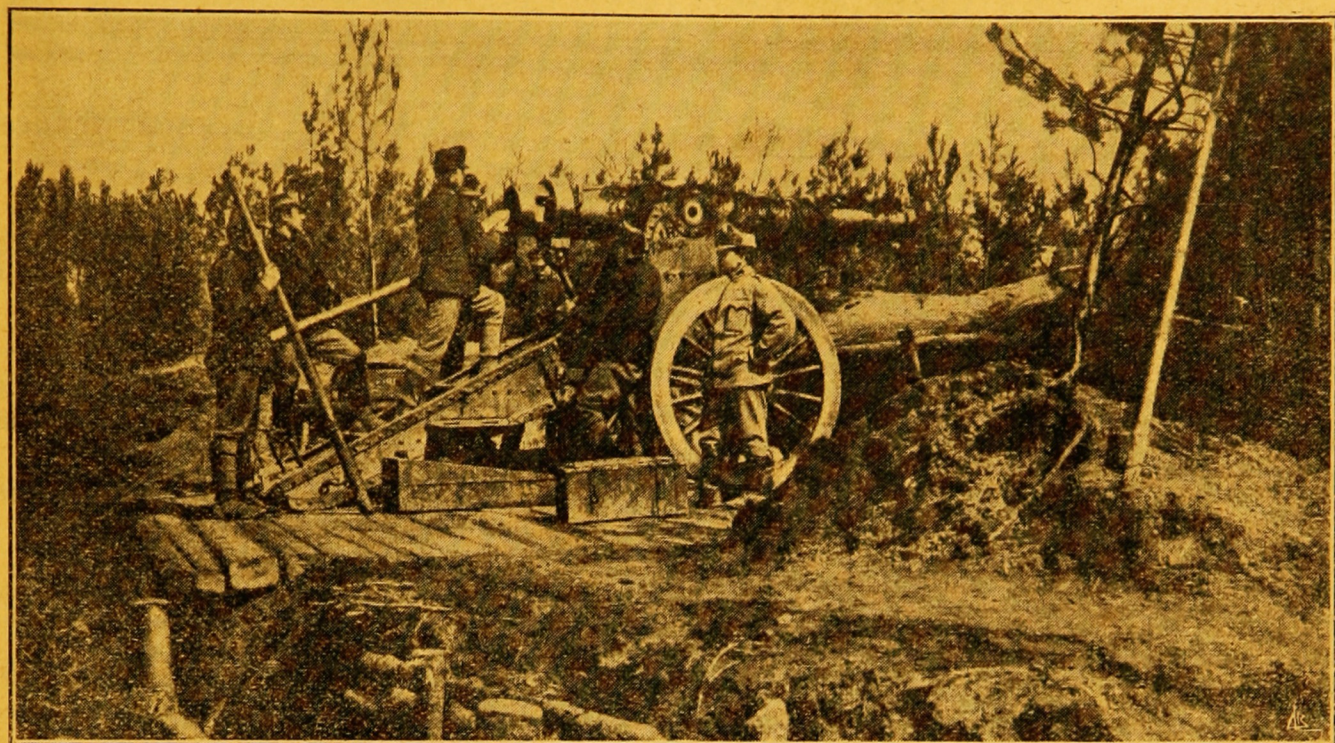
Tinheis imaginado alguma vez, formosa leitora, que o chá fôsse capaz de proporcionar ao ser humano semelhantes extases? E' certo que Ho-toung era poeta... Quem vos prohibe de o ser tambem? Os poetas, embora elles proprios o pensem, não são só aquelles que se exprimem em versos e fazem d'isso uma profissão. Depende apenas de vós, amadoras e amadores de chá, ser poetas como o era esse «enthusiasta do chá» de não sei quantos seculos e como o são ainda os fanaticos do chá de hoje, isto é, todos aquelles que praticam delicadamente, subtilmente, com todos os requintes que elle exige, o fanatismo do chá. Os minutos que decorrem de embriaguez que a preciosa bebida lhes proporciona são, na vida corrente, homens e senhoras que, em todas as circunstancias, conservam uma doce, harmoniosa e sorridente serenidade.

Pelo extracto

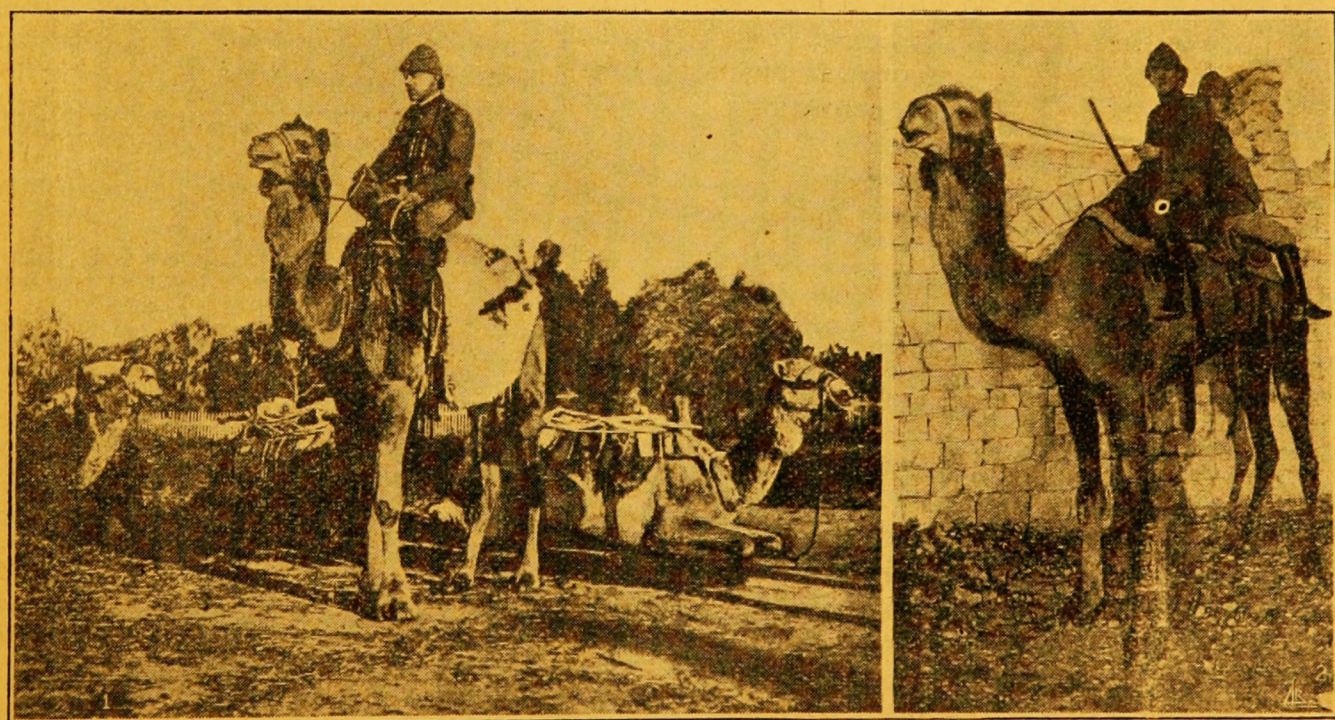
EDUARDO DE NORONHA.



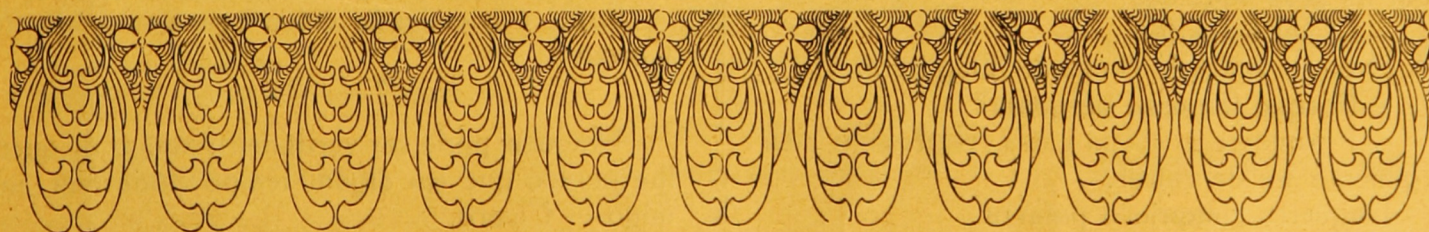
A Guerra Europeia



A artilharia austriaca disfarçando a sua posição atrás do arvoredó



NO ORIENTE—Officiaes inglezes servindo-se de camellos como meio de transporte



Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Westermann

GENERAL Westermann, o intrépido combatente do 10 de Agosto e da Vendéa, disse altivamente no tribunal revolucionario:

—Hei de pedir que me dispam diante do povo, verei os sete ferimentos que tenho, todos recebidos pela frente. Pelas costas só recebi o que me traz aqui!

Cabeça e coração da França

No anno de 1864 era presidente do corpo legislativo o duque de Morny e travava-se na Camara o debate da resposta ao discurso da Corôa. Depois d'um discurso de Thiers, Eugenio Pelletan reclamou o restabelecimento do direito commum para o regimen municipal de Paris e de Lyão. Ernesto Picard exclamou:

—Paris é o cerebro da França.

Uma voz:

—Cerebro enfermiço!

E Mornay do alto da cadeira:

—Se Paris é a cabeça, a provincia é o coração; a França tem pois bom coração e má cabeça.

Palavras profeticas

Alguns dos convencionaes que votaram contra a morte de Luiz XVI proferiram palavras profeticas:

—Hão de fazer d'elle um santo, um martyr! E como succedeu em Inglaterra, havemos de ter um Cromwell ou um Carlos II.

Tiveram os dois: Bonaparte e Luiz XVIII.

O sol entra lá?

A esquadra, que o cardeal de Richelieu levára muitos annos a formar, tentou reconquistar aos hespanhoes a ilha de Santa Margarida. Os hespanhoes haviam-se fortificado n'ella e o desembarque parecia difficil. O comandante em chefe, o conde de Harcourt, perguntou ao coronel de um dos regimentos embarcados na esquadra se era capaz de desembarcar na ilha com os seus soldados.

—O sol entra lá?

Disse o official, chamado Daguerre.

—Porque faz essa pergunta?

—Porque se o sol lá entra, tambem o meu regimento ha de entrar.

Daguerre cumpriu a palavra.

Convenção franceza

A discussão dos artigos da Constituição no tocante ás relações com: as potencias estrangeiras deu azo a uma sentença heroica que se tornou famosa na historia.

Tendo sido proposto o artigo seguinte:— «O povo francez não faz pazes com o inimigo que ocupa o seu territorio» —houve um deputado que disse:

—Fizestes então algum pacto com a victoria?

Ao que o montanhez Bazire replicou:

—Fizemo-lo com a morte!

Guerras civis

O marquez de Beauchamps, pondo-se á testa de bando de camponezes vendeanos contra os republicanos, dizia a sua mulher:

—Não vou combater pela gloria, as guerras civis não a dão.

Anna d'Austria

Anna d'Austria parando um dia a contemplar detidamente o retrato de Richelieu que existe no Louvre, exclamou perante a imagem d'aquelle que tanto a havia humilhado:

—Se este homem fosse vivo, seria hoje mais poderoso que nunca.

Richelieu reinava ainda do fundo do tumulo na Sorbonna.

Dupont (de l'Eure)

Guizot pediu ao rei a demissão do prefeito do Sena. Luiz Filippe, para que semelhante medida fosse aceita em conselho de ministros, declarou que La Fayette se não opunha a ella.

O ministro da justiça Dupont (de l'Eure) afirmou que o rei se enganava. Luiz Filippe encolerisou-se:

—O senhor desmente-me!

—Não, sire, mas quando o rei disser que sim, e Dupont (de l'Eure) disser que não, não sei em qual dos dois acreditará a França.

E deu a sua demissão, que não foi aceita.

Firme é a amizade entre eguaes. — *Quinto Curcio*,

* *

Ninguem póde ser verdadeiro amigo de quem lhe parece que em algum tempo póde ser inimigo — *Cicero*.